

Jornal Laboratório da ECO surge como disciplina complementar

nº ZERO

JORNAL LABORATÓRIO DA ESCOLA DE COMUNICAÇÃO DA UFRJ - ano 1 nº 0 - setembro de 2002

Alunos também vão participar da escolha do nome definitivo, através de pesquisa e votação pela internet

Sob o nome Jornal Laboratório, a nova disciplina complementar, que começa a existir a partir do segundo semestre de 2002, terá vaga para 20 alunos. Embora formalmente estabelecida na nova grade curricular do 4º período, estará aberta para todos os estudantes da habilitação jornalismo. No entanto, esta disciplina é espaço de formação em habilidades específicas para alunos do curso de jornalismo e, por isso, destinada prioritariamente aos alunos do 4º ou 6º períodos. Vale ressaltar que a construção do *Nº Zero* foi possível pelo esforço dos alunos do Laboratório de Textos Jornalísticos (2º período) e do seu coordenador, André Motta Lima.

Resultado da necessidade de modificações que começam a ser feitas no curso de jornalismo, conforme o projeto explicitado no editorial da página 2, a atual publicação é provisória até no nome e terá linha de conteúdo editorial definida dentro de sala de aula. Uma pesquisa disponibilizada pela internet, em www.imprensapopular.com.br, já permite a opção de votação entre três nomes ou a sugestão de nomes não listados. Caso o conjunto de novas indicações obtenha maior número que a votação nos nomes disponíveis, será realizado um segundo turno. Os nomes listados são Phoca, antigo nome de jornal laboratório que os estudantes da ECO já produziram, *Jornaleco* e o próprio *Nº Zero*.



LEONARDO MANCINI

O debate ético a partir da morte de Tim Lopes lotou o auditório da CPM no dia 17 de julho

DEBATES MARCAM NOVA FASE DO CURSO

Provão e Caso Tim dão partida à integração entre professores, alunos e uma ECO conectada a seu tempo

Até então unidos nas justas reivindicações para melhorias do ensino, alunos e professores da ECO – UFRJ têm agora um motivo melhor para estar lado a lado. Uma série de debates sobre a atualidade da profissão vem marcando uma nova fase do curso de jornalismo, menos voltado para si mesmo e mais comprometido com as questões fundamentais de seu tempo. A complexidade do Provão e o debate ético em torno da morte do jornalista Tim Lopes mobilizaram a Escola nos últimos meses, provando que iniciativas simples têm resultados inestimavelmente bons.

Neste *Nº Zero*, outro importante reflexo desta disposição renovada da ECO, convidamos Carla Nascimento, representante do Centro Acadêmico da ECO, e Dante Gastaldoni, professor de Fotojornalismo, para testemunhar, de forma direta e apaixonada como deve ser, como ventos diferentes começam a soprar na Praia Vermelha. (Paulo Roberto Pires)

CONSIDERAÇÕES (BEM PESSOAIS) SOBRE O DEBATE COM BONNER

Dante Gastaldoni

Tá certo que lá estavam a Bia Becker, como moderadora, e outros ilustres convidados, como o César Seabra, o Nacif e o Pedro Vasquez, mas o debate sobre os “limites do exercício profissional no jornalismo” (entenda-se Tim Lopes) acabou sendo, no senso comum, um encontro com o William Bonner. Percebi isso uma semana antes, quando, por pura provocação, anunciei em sala de aula “um recado para as meninas presentes”. E, na expectativa de uma estrondosa vaia, mandei ver: “no dia 17 de julho o Bonner virá aqui na ECO para um debate e eu quero vocês todas lá”. Que vaia que nada, o que ouvi em sala foi um coro de uuuurrs que na minha cabeça elevaram instantaneamente o Bonner a uma espécie de Brad Pitt tupiniquim.

No dia do tal debate, o imenso público presente, composto predominantemente por mulheres que transbordavam das portas, parecia confirmar que aquele encontro tinha um algo mais. E a atração principal não decepcionou. O Bonner estava literalmente em casa e saiu misturando os canais sem constrangimento: falou de sexo, drogas e rock and roll e, emocionado, falou sobre o Tim e as mudanças operadas na Globo com o desaparecimento do amigo executado pelo tráfico. Afinal, o editor do Jornal Nacional, jornalista formado pela USP, estava na UFRJ, onde a sua senhora, Fátima Musa da Copa Bernardes, havia se formado. E, entre outras coisas, Bonner enfatizou esse caráter diferencial da ECO, ao confidenciar que sentia falta dos nossos alunos às segundas-feiras na Globo, quando a emissora permite que universitários acompanhem o fechamento da edição do JN. Acho que agora vão chover alunos (ou alunas) por lá...

Acima de tudo, porém, ficou a sensação de que o nosso curso de jornalismo está disposto a acertar. O debate sobre o Tim foi apenas uma parte desse processo, marcado também pelo debate sobre a avaliação do MEC (e provão e diploma), que reuniu, no mesmo auditório, Ana Arruda Callado, José Dias Sobrinho, Rafael Freitas e Victor Gentili, no início do período letivo. O próprio *Nº Zero* vem na esteira desse movimento, que talvez tenha começado com a eleição do Lessa pra reitor, do Argolo pra direção do curso e da Bia pra coordenação de jornalismo (essas coisas não acontecem à-toa). Hoje, os professores trocam mais idéias (temos até um grupo de discussão no Yahoo chamado ecojornalismo) e vários projetos estão sendo discutidos, com participação ativa do centro acadêmico. Pelo sim, pelo não, no início do ano cheguei a solicitar uma licença sem vencimentos pra cuidar da vida, mas resolvi dar um tempo. O fato é que agora eu estou motivado.

AINDA HÁ MUITO O QUE EXPLORAR

Carla Nascimento

Como aluna de jornalismo dessa escola venho expressar minha satisfação e ânimo diante das iniciativas que a Coordenação de Jornalismo, aliada ao grupo de professores da habilitação e ao Centro Acadêmico, vem implemetando ao cotidiano dos futuros jornalistas, em benefício dos mesmos e da integração e melhoria da ECO. A cada reunião desta Coordenação - que são abertas aos estudantes e professores - percebemos que existe muito ainda o que fazer. Porém, a união entre alunos e professores começa a colher seus frutos com a conquista do Jornal e da Revista Laboratório da ECO, com espaços físicos próprios da graduação, que vão proporcionar ao corpo discente experimentar na prática o que é trabalhado em sala de aula. Outro projeto que pretende estar auxiliando os alunos, profissionalmente inclusive - sempre através da orientação do professor -, é o Núcleo de Imprensa da Escola.

A intenção é estar estimulando não somente a prática do jornalismo, mas também levar a debate as temáticas que o fundamentam. Alunos da ECO já lotaram os auditórios da CPM para assistir e participar do Ciclo de Debates organizado pela Coordenação e o Centro Acadêmico da ECO. Temas como avaliação institucional - o Provão - e “O caso Tim Lopes e os limites do exercício” já levantaram debates saudáveis e de extrema importância para nossa formação.

No que depender de mim, como representante dos estudantes de Jornalismo da ECO, este trabalho não vai parar. Ainda temos muito o que explorar dessa inédita união entre alunos e professores. Porque só assim conquistaremos a tão sonhada escola pública, gratuita e de qualidade.

continua na página 8

RACHA ELEITORAL NA UFRJ: PT E PSTU CONTRA PCB, PC DO B, PSB E PDT

página 4

ALUNOS SÃO PROFESSORES DE PRÉ-VESTIBULAR COMUNITÁRIO

página 3

ESTUDANTES FOGEM PARA COMER NO VIZINHO

página 5

FUTUROS JORNALISTAS PREFEREM IMPRENSA DE HUMOR

página 6

BEBIDA ALCOÓLICA GANHA ESPAÇO PROIBIDO DO CAMPUS

página 8

INTERFERÊNCIA NAS ONDAS DO RÁDIO LIVRE

página 5

REPENSANDO O CURSO

Os professores do Curso de Jornalismo têm realizado reuniões regulares para discutir, desenvolver e apresentar soluções para melhorar coletivamente a qualidade do ensino de Jornalismo na Escola de Comunicação da UFRJ. Vivemos num mundo caracterizado por rápidas e permanentes transformações. Num país marcado por profundos contrastes, conflitos e exclusões sociais, que demandam urgentes mudanças. Compreendemos que os textos jornalísticos podem funcionar como meios de socialização de saberes e valores, sugerindo mudanças ou servindo à manutenção da ordem social. No entanto, percebemos que a quantidade e a velocidade de circulação de informação, não garantem necessariamente o acesso ao conhecimento, nem a qualidade dos textos produzidos. Nos propomos a formar profissionais capazes de exercer a profissão com espírito crítico e criativo, mas também com responsabilidade, observando o respeito às diferenças e aos princípios éticos. Como ensinar melhor o Jornalismo num cenário multicultural gerado pela globalização, onde os diferentes contextos nacionais, regionais e municipais impõe, cada vez mais, ações singulares para a conquista da cidadania?

Essas considerações tem nos levado a repensar não só a função do Jornalismo, mas, especialmente, do espaço social da Universidade e do nosso trabalho. Acreditamos que a proposta pedagógica apresentada recentemente à Direção da Escola de Comunicação da UFRJ, um "Projeto Integrado dos Produtos Laboratoriais do Curso de Jornalismo da ECO", é uma resposta importante porque procura ampliar as oportunidades investigativas no Curso de Jornalismo, garantindo a qualidade necessária às novas configurações curriculares que estão sendo introduzidas, atendendo às exigências da atualidade. Somos desafiados, alunos e professores, a um exercício permanente de olhar reflexivo e curioso, em que a experimentação é a ferramenta básica, o poder fazer e o poder pensar, com ousadia e humildade simultâneas, estimulando uma troca positiva e um ambiente acolhedor para construção de novos conhecimentos.

Este nº Zero do Jornal Laboratório da ECO é parte dos primeiros resultados concretos do Projeto Integrado

e de nossas conversações. A apresentação de uma publicação impressa é a consequência natural do objetivo do nosso curso de associar a formação teórica do jornalista à aplicação prática dos conhecimentos adquiridos. O exercício da atividade jornalística no âmbito da escola é um dos caminhos mais produtivos para avaliarmos se a meta de aliar o princípio universitário da troca de idéias e do debate à eficiente preparação dos estudantes para o mercado de trabalho está sendo alcançada. Além de oferecer excelente oportunidade para o desenvolvimento dos alunos, a publicação de um jornal laboratório tem expressiva importância para a divulgação externa da Escola. Traz ainda a possibilidade do desenvolvimento de atividades pedagógicas envolvendo mais de uma turma, reforçando o espírito coletivo e integrando teoria e prática, na busca da qualidade de ensino. Vale ressaltar que neste percurso a possibilidade de compartilhar estes desafios e aspirações com as coordenações das demais habilitações tem colaborado muito para o desenvolvimento de nosso trabalho.

O Jornal Laboratório pretende congrega alunos dos quarto, quinto e sexto períodos, porém é aberto a participação de todos, em tarefas envolvendo reportagens, redação, fotografia e edição gráfica, para a finalização de um produto de qualidade. No que se refere à reportagem, a ênfase será dada à apuração e ao trabalho de campo e as pautas deverão tratar de assuntos do dia-a-dia que têm interesse geral, evitando questões extremamente particulares. Os alunos interessados em realizar esta experiência não apenas como colaboradores, podem se inscrever na disciplina complementar Jornal Laboratório, ministrada pelos professores Maurício Schleder e Paulo Pires, em parceria com o Núcleo de Imprensa da escola. Pretendemos construir o jornal no espaço cedido para instalação do laboratório de jornalismo impresso pelo diretor da ECO, prof. José Argolo, já equipado a partir do seu dedicado empenho, ao qual agradecemos.

Esperamos avançar nesta iniciativa, certos de podermos contar com o apoio de toda a comunidade da nossa escola.

Coordenação do Curso de Jornalismo

PRISIONEIRO DAS TÉCNICAS

Sistema de intranet da UFRJ causa dor de cabeça aos alunos

Pedro Koblitz

Ultimamente têm sido bastante difícil para os alunos da UFRJ terem acesso aos seus boletins, históricos e mesmo fazer a inscrição em disciplinas. Isso porque a maior universidade do país implementou um sistema de rede computadorizada que, ao invés de facilitar a vida dos alunos, complicou bastante. Antes era muito simples para qualquer aluno adquirir informações sobre a situação acadêmica: bastava ir até a secretaria e buscar o boletim e o histórico. Hoje as coisas não são tão simples. "Estamos tentando acostumar os alunos a usarem o sistema. Quando alguém vem aqui, encaminhamos para a central de computadores da faculdade para os próprios alunos olharem suas notas na internet", diz Valéria Gomes, funcionária da secretaria da Escola de Comunicação.

Modernização? Nem tanto. A verdade é que a rede de intranet da UFRJ não funciona muito bem. "Quando me disseram que deveria olhar minhas notas na internet, achei que não teria problemas, mas me surpreendi quando descobri que apenas um dos computadores da ECO estava capacitado para acessar o histórico e as notas", reclamou Victor Paschoal, estudante do 2º período de Comunicação Social. A questão é que a rede interna é muito complexa e tem uma série de falhas.

Para se ter acesso é preciso ter instalado no computador o navegador Microsoft Internet Explorer 6.0, uma versão ainda cheia de falhas devido ao recente lançamento. Uma vez dentro da rede é preciso dispor do visualizador de documentos Adobe Acrobat Reader para se ter acesso ao boletim e o histórico. O aluno Gustavo Spiegelberg,

do 3º período do curso de Engenharia Eletrônica, explica: "É muita complicação para quem queria apenas ver as notas. Isso podia estar disponível como um documento de texto. O acesso seria muito mais rápido e simples e poderia ser feito até por um computador bastante obsoleto". No curso de Engenharia Eletrônica, a situação é pior ainda, pois como lá é que é feita a manutenção do sistema, até a inscrição em disciplinas tem de ser feita pelo computador e se torna um suplício.

Os problemas não param por aí. E quando os professores não conseguem colocar as notas no sistema? Nem sempre conseguem e, às vezes, a nota pode entrar errado e sair um zero no histórico do aluno. Então, depois de passar por todas as dificuldades para descobrir que a nota saiu errada, está na hora do aluno pedir um AGF. Essa sigla significa "Atestado de Grau e Freqüência" e é um documento assinado por um professor, constando a nota, o número de faltas e a situação do aluno na disciplina. "Tenho que assinar pelo menos um AGF por turma, por período. É uma preocupação a mais", disse o professor Agostinho Carneiro. Outros professores concordam que o sistema tem uma série de falhas que precisam ser corrigidas. Conseguindo o AGF, o aluno tem de apresentá-lo na seção de ensino de sua faculdade e aguardar para que o sistema seja atualizado com a correção de suas notas. "Durante todo o meu tempo na faculdade, tive de pegar sete AGF's com diferentes professores. Algumas vezes é muito simples, pois os professores em geral sabem que o sistema é bagunçado e guardam as notas dos alunos, mas nem sempre é assim. Às vezes pode ser bem difícil", lembrou Cid Andrade, formando da ECO-UFRJ.



**Universidade Federal
do Rio de Janeiro**

Reitor
Carlos Lessa



Escola de Comunicação

Direção
José Amaral Argolo

**Coordenação do curso de
Jornalismo**
Beatriz Becker



Núcleo de Imprensa

Equipe
André Motta Lima
coordenação executiva
Elizabete Cerqueira
secretaria de redação

Programação Visual
Cecília Castro

Coordenação Acadêmica
Beatriz Becker

nºZERO

ano 0 nº1 - Set. 2002
*Informativo produzido pelos
alunos da Escola de
Comunicação da UFRJ*

*Este número de lançamento
do Jornal Laboratório foi
produzido com matérias
elaboradas pelos alunos do
2º período do curso de
comunicação social, inscritos
na disciplina Laboratório de
Texto, sob a orientação de
André Motta Lima.*

TIRAGEM: 1.000 exemplares

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

UMA UNIVERSIDADE CADA VEZ MAIS POPULAR

Universitários assumem papel do Estado e oferecem preparação gratuita e de qualidade para vestibular

Aline Boueri

O campus da Praia Vermelha da UFRJ recebe todos os anos alunos que saíram vitoriosos da guerra que é o vestibular e que começam uma nova etapa de sua vida acadêmica. Porém todas as noites, alguns alunos diferentes aparecem por lá: são os estudantes do pré-vestibular comunitário “Universidade Popular”, uma iniciativa de alunos de Comunicação Social da UFRJ, que já apresentou resultados positivos nos dois primeiros concursos, chegando a aprovar metade dos alunos inscritos. O quadro de professores e monitores do pré-vestibular também é muito diferente dos encontrados nas faculdades do campus: quem ensina são universitários, não necessariamente da UFRJ.

As aulas do pré são gratuitas e seus alunos passam por uma avaliação de sua realidade social antes de serem aceitos. O curso está funcionando no prédio do DCE, no campus da UFRJ da Praia Vermelha, que fica na Av. Pasteur, 250; e há três anos prepara alunos que desejam entrar para uma universidade, sendo as aulas direcionadas primordialmente para o estilo de prova de vestibular das universidades públicas. Os resultados têm sido animadores: em 2000 de uma turma de 10 alunos, 4 foram aprovados e em 2001, de uma turma de 12 alunos, 6 foram aprovados, todos para universidades públicas, alguns alunos puderam inclusive optar, já que passaram para mais de uma universidade pública.

O curso foi idealizado pelo aluno de Comunicação Social da UFRJ, Alexandre Bortolini, que está agora no 6º período de Rádio e TV. Alexandre passou pelas salas da faculdade à procura de colegas que tivessem interesse em participar da organização de um curso pré-vestibular gratuito, que atendesse a alunos de baixa renda. As primeiras reuniões, para formação do primeiro grupo de professores aconteceram no início do ano de 2000 e em maio deste mesmo ano, a primeira turma começava a ter aulas.

Até o fim do ano 2000, Alexandre coordenava o projeto sozinho, até que passou a dividir a coordenação com Michelle Sprzoda, aluna de Comunicação da UFRJ também, que está no 5º período de jornalismo. Atualmente, a coordenação é dividida com professores do curso e com alunos também, tendo sido segmentada em diversas coordenações, como pedagógica e financeira, por exemplo.

O “Universidade Popular” começou a funcionar numa sala do prédio do DCE na Praia Vermelha, inicialmente cedida sem problemas. Depois de algum tempo de ocupação do local para as aulas do pré-vestibular, a gestão do DCE imediatamente anterior à atual começou a reivindicar a sala alegando necessitar para reuniões, que, segundo Alexandre, ocorriam quinzenalmente. Este problema levou o pré-vestibular a funcionar na Escola de Comunicação, o que não era cômodo, já que havia, por conta das aulas do curso de Comunicação, a necessidade de alunos do pré trocarem de sala com grande frequência. Além disso, os funcionários da Escola de Comunicação não colaboravam, já que nas sextas-feiras pressionavam para que o as aulas não passassem das 8 horas da noite. Alexandre diz que a diretoria da ECO

da época apoiou a permanência do curso no prédio da Escola de Comunicação, porém evitou o confronto com os funcionários, o que obrigou o curso a voltar para o prédio do DCE.

O projeto não recebe apoio financeiro da UFRJ, já que não pode ser registrado como projeto de extensão por não ter um professor da universidade à sua frente. Sendo assim, o “Universidade Popular” sobrevive de eventos, como a Feira do Livro, que aconteceu no segundo semestre de 2001, na Escola de Comunicação e o Interseção de 2001, evento com debates e palestras sobre Marketing e Publicidade, que também é organizado por alunos da ECO. Recentemente os alunos do pré-vestibular passaram a pagar uma taxa de R\$ 5,00 ao mês para despesas com material, que na verdade, são as únicas, segundo Alexandre, já que o curso não paga aluguel de sala, luz ou água e todos que participam do projeto são voluntários.

MÉTODO PAULO FREIRE

O curso tem como base pedagógica a teoria de Paulo Freire de Educação Popular, que enuncia que toda educação é um ato político e que os educadores necessitam construir conhecimentos com seus alunos tendo como horizonte um projeto político de sociedade. Além disso, a pedagogia de Paulo Freire é baseada no “diálogo libertador e não no monólogo repressor do educador”. Tendo esta base pedagógica, os coordenadores do curso tiveram alguns problemas quando tiveram que lidar com alguns professores que mantinham uma postura hierárquica diante dos alunos. A falta de um processo de seleção ocasionava este conflito entre coordenadores e professores do curso, o que está sendo resolvido agora pela implantação de uma fase de adaptação de novos professores. Segundo Alexandre, antes de começar a dar aulas, o voluntário a professor assiste às aulas de outros professores e lê textos relacionados com a base pedagógica do curso. O ideal e o mais freqüente é que ex-monitores do curso se tornem professores, por já conhecerem o método de ensino e já estarem envolvidos com a filosofia do projeto.

O quadro de professores e monitores é essencialmente formado por universitários da rede pública e basta ter vontade de ajudar e algum conhecimento da disciplina que se proponha a ministrar ou monitorar para que qualquer pessoa possa ser aceita como educador

voluntário. Segundo Alexandre, quase todos os professores e grande parte dos monitores, além de estudar em universidades, tem empregos remunerados, além do trabalho voluntário no “Universidade Popular”. O aluno do 5º período de Comunicação

tem família para sustentar, qual a sua renda familiar, o que levará os coordenadores a uma maior compreensão da realidade social do candidato, o que é de suma importância para sua admissão. A segunda fase do processo é uma dinâmica de grupo, com os que passaram pelo



MICHELLE SPRZODA

Os alunos do pré-vestibular comunitário têm obtido resultados animadores: em 2000, 4 aprovados em uma turma de 10, e 6 em 12 conseguiram aprovação em 2001

Social da UFRJ, com habilitação em jornalismo, Octavio Pieranti, por exemplo, afirma ter deixado o pré depois de dois meses de trabalho como monitor por conta do horário incompatível com seu horário de trabalho no Jornal dos Sports.

O horário das aulas é de 18:20h às 22:00h de segunda a sexta e de 8:00h às 13:00h nos sábados. A monitoria funciona na parte da tarde, de 16:30h às 18:00h. Octavio, que trabalhava na parte da manhã e tinha aulas na parte da tarde, com a greve, se viu obrigado por seu chefe a trabalhar no horário da tarde, o que o impossibilitou de continuar no pré-vestibular.

Alexandre enfatizou a carência de voluntários para as disciplinas de Matemática e Física e a falta de interesse dos alunos com maior conhecimento nestas áreas em ajudar no pré-vestibular: “A gente já entregou panfletos no CT (Centro Tecnológico, no Fundão) várias vezes, mas só agora um cara do CT se ofereceu como voluntário”.

TURMAS HETEROGÊNEAS

Para ser aluno do “Universidade Popular”, os interessados devem passar antes por um processo de seleção, composto pelo preenchimento de uma ficha, no qual informará se trabalha, se

crio da análise de suas fichas. Finalmente o candidato é entrevistado pelos coordenadores, que podem por aí avaliar o grau de interesse do aluno em cursar as aulas do pré-vestibular, dando fim ao processo de seleção e, a partir daí, sendo formadas as turmas definitivas para início das aulas.

Apesar do grau de interesse do candidato ser fator primordial em sua aceitação como aluno do pré, segundo Alexandre, normalmente começa-se o ano letivo com 40 alunos e termina-se com turmas compostas por de 10 até 15 alunos, mesmo havendo uma lista de espera para ocupação das vagas que os alunos desistentes deixaram ociosas, que são preenchidas até junho apenas, para evitar que o tanto o aluno novo quanto à turma sejam prejudicados pela falta de integração com o grupo.

O perfil do vestibulando que freqüenta as aulas do “Universidade Popular” é bem heterogêneo no que diz respeito à idade, local onde mora ou raça. Os alunos, que vão de 17 até 50 anos este ano, moram em diferentes bairros e zonas da cidade, não havendo uma comunidade-alvo para o curso. Além disso, a maioria trabalha e isto, segundo Alexandre, é muito importante para a avaliação do aluno, antes que ele seja aceito no curso”. O fato de o cara trabalhar e procurar um curso pré-vestibular mostra que ele tem realmente vontade de estar ali, o que ajuda muito para que ele seja aceito”, afirma Alexandre. O ex-monitor Bruno Alves, que é também aluno de Comunicação da UFRJ e está no 2º período, pôde constatar isso na prática, comparando os alunos do “Universidade Popular” consigo mesmo, quando era vestibulando: “Eles, com certeza, eram muito mais motivados a estudar que eu. Eles sentem que pra eles é mais difícil, percebem que têm que estudar, até porque muitos nem tiveram aulas de química e física no segundo grau, por exemplo.”. Talvez esta motivação explique os ótimos índices de aprovação que o “Universidade Popular” vem atingindo todos os anos.

PARA QUEM QUER SER ALUNO

Documentos necessários:

- Carteira de identidade do candidato
- Histórico Escolar ou declaração de escolar de que está cursando o 3º ano do ensino médio
- Comprovante de residência

PRA QUEM QUER AJUDAR

Doação de livros para o Universidade Popular:

- Centro Acadêmico da Escola de Comunicação da UFRJ

Trabalho voluntário como professor ou monitor

PROCURAR

Alexandre Bortolini ou Michelle Sprzoda
tel.: (21) 9343-4537 ou (21) 2561-0626
universidadepopular@ieg.com.br
www.unipopular.kit.net

ELEIÇÕES PARA O DCE DIVIDEM UNIVERSIDADE

Divergências no movimento estudantil estão relacionadas com os partidos políticos

Giuliano Djahjah

Entre os dias 9 e 11 de julho passados, os estudantes da UFRJ votaram para escolher a nova gestão do DCE, o Diretório Central dos Estudantes, e também votaram para decidir qual sistema de representação se daria no diretório: um sistema onde os cargos do DCE fossem compostos de maneira proporcional à porcentagem de votos nas chapas (proporcionalidade) ou um sistema onde todos os cargos seriam da chapa vencedora (majoritariedade). A chapa 2 ganhou e a majoritariedade também. Porém as eleições mostraram mais uma vez que o movimento estudantil está dividido, não só entre divergências como a questão da “proporcionalidade versus majoritariedade”, mas principalmente entre partidos políticos.

Existem várias tendências políticas na UFRJ e na maioria delas existe ligação com partidos políticos. Não é nada oficial: o que acontece é que estudantes filiados a partidos integram esses movimentos conjuntamente e estes se coligam formando chapas. Nas últimas eleições a duas chapas se dividiram também politicamente. A chapa 1, “Não seguimos à-toa”, surgiu da união de dois movimentos: o movimento “Nós não vamos pagar nada”, formado por vários setores do PT, e o movimento “Reviravolta”, integrado por partidários do PSTU. A chapa 2, de oposição, foi formada pelos movimentos “A hora é essa”, ligado ao PCB, e “Agora só falta você”, ligado ao PC do B (ou UJS, União da Juventude Socialista, que é o movimento jovem do PC do B), além de movimentos da juventude do PSB e PDT. Apesar da partidarização dessas tendências políticas seus integrantes ressaltam que os movimentos são abertos a todos os estudantes que queiram participar, pois não são restritos aos partidos.

Fábio Cezanne do 9º período de Radio e TV da Escola de Comunicação, não é integrante de nenhum movimento e é bastante crítico em relação a partidarização: “Acho que o movimento deve representar os estudantes. Os partidos muitas vezes influenciam nas decisões que deveriam ser dos alunos e muitas vezes cargos no DCE servem de trampolim eleitoral. Eu me identifico mais com a chapa 1, que

apesar de ter ligação partidária, tem vícios menos engessados.”

Maíra de Oliveira Alves, do 5º período de Produção Editorial e integrante da Chapa 1, diferencia a prática das duas chapas: “No nosso movimento as coisas são mais horizontalizadas, não tem uma linha política a se seguir, todo mundo participa. Na chapa 2 as coisas já são mais verticalizadas, as reuniões já vêm prontas, estruturadas, e existe influência dos partidos”.

Questionado sobre a influência dos partidos no movimento estudantil, o estudante do 7º período de Radio e TV e integrante da Coordenação de Base da Chapa 2, Paulo Schueler, responde: “Existe influência dos partidos. O que tem ficar entendido é a forma com que o partido vai lidar com a entidade. Tanto quem é de partido como quem não é tem que rever as suas práticas. A influência é positiva até o ponto em que o cara do partido tenta convencer e esclarecer, para os que não são, o que é o partido. Complicado é contrariar o que foi decidido em prol do partido. Ou então esconder que é de partido para se eleger. Tem que se assumir as posições partidárias senão fica uma relação esquizofrênica. Não podemos ficar dentro dos muros da Universidade e ignorar a conjuntura externa e dessa conjuntura os partidos fazem parte”.

Uma grande discussão que aconteceu nestas eleições foi o modo de representação da nova gestão do DCE. A chapa 1 defendia a proporcionalidade, ou seja, de acordo com a porcentagem do número de votos, a chapa teria cargos proporcionais no DCE. Já a chapa 2 era a favor da majoritariedade, que significa que a chapa vencedora teria total controle do DCE. Na última gestão do DCE, onde havia a proporcionalidade, as tendências da chapa 2 tinham maior número de cargos, porém saíram da gestão por não concordar com esta representação. Essa questão é a principal divergência entre as duas chapas.

“Democracia não é pegar três caras de cada chapa e botar no DCE, assim inviabiliza a gestão. Mas não quer dizer que os que não são da chapa não podem participar do movimento estudantil. Achamos mais representativo a majoritariedade”, diz Paulo. Maíra discorda: “Eu sei que proporcionalidade é muito difícil na prática, mas poderia acontecer porque existem muitos

pontos em comum e seria muito mais representativo porque a diferença de votos pode ser pequena. Os grupos têm dificuldade de ser minoria, mas se você quer construir alguma coisa você tem que construir um diálogo”.

Analisando as propostas das duas chapas pode-se verificar que não existem muitas diferenças programáticas: implementação da bandeja, assistência estudantil e mais verbas para bolsas de estudo, por exemplo. As chapas também concordam ao se colocar em relação à conjuntura nacional. São opositoras do modelo neoliberal do governo federal, contra a criação da ALCA, a favor da reforma agrária, etc. Entre acusações dos dois lados se nota que diferenças se explicitam mais nas práticas do que nas propostas. Maíra concorda e complementa: “Esse grupo (o da chapa 2) está ligado à gestão fraudulenta da UNE, eles não têm práticas democráticas, é tudo muito fechado, empurrado. O DCE tem abrir espaços para os estudantes e eles não têm tradição para isso.”

Uma das propostas da chapa 1 era a auditoria das contas da UNE. Paulo Schueler rebate: “Muitos nos chamam de antidemocráticos, pois nossos partidos (PCB e PC do B) tinham ligação com a União Soviética stalinista. O último DCE não foi democrático, ninguém foi chamado pra discutir, a entidade não tinha jornal. Um movimento democrático tem que ter um jornal e é óbvio que nós somos democráticos senão não participaríamos das eleições”.

A chapa 2 diz em seu jornal que o grupo da chapa 1 estava há anos no controle do DCE, se mantinha inerte e não representava os estudantes. Entre o fogo cruzado, muitos estudantes se afastam do movimento. Victor Paschoal, do 2º período de Comunicação reclama: “O movimento estudantil deveria ser menos extremista e mais coeso. Com tantas tendências e partidos não temos a unidade nem a capacidade de pressão política que deveríamos ter”.

Os interessados em conhecer mais o movimento podem comparecer no Conselho de CA's, que é uma espécie de poder legislativo. Todas as decisões têm que ser votadas pelos centros acadêmicos. É um bom espaço para todos se colocarem e verificarem se estão sendo representados.

“RIZOMA” É MUITO MAIS QUE RAÍZES

Programa inspirado pela filosofia de Deleuze e Guattari e produzido com participação de 17 alunos é o único representante da UFRJ na programação da UTV

Michelle Cêa

“Isso é a ECO produzindo”. Foi assim que o professor Sérgio Duque Estrada, em entrevista, referiu-se ao programa “Rizoma”, do qual é produtor executivo. Idealizado em 1999, o projeto já desfruta de reconhecimento interno e prepara-se para rumar ao campo internacional. O diretor da Escola de Comunicação, José Argolo, também defendeu o “Rizoma”: “É um projeto bem-vindo porque ajuda a divulgar o trabalho feito por alunos e professores. Contudo, deveria haver uma contrapartida financeira para a Escola”.

De aspecto puramente educativo, o programa surgiu da necessidade de se representar a UFRJ no Canal Universitário, canal 16 (NET), e é, desde então, o único. A falta de recursos somada à ausência de projetos institucionais são as principais causas da inexistência de outros programas da Universidade na UTV.

O nome rizoma que, conceitualmente, são raízes que se interligam sem um ponto de convergência, surgiu com base na transposição desse conceito biológico para a Filosofia, em “Mil Platôs” de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Segundo o professor Fernando Álvares Salis, diretor geral do projeto, “eles apontavam para a necessidade de se pensar o mundo como uma rede de agenciamentos coletivos do desejo e não mais como estrutura centralizadora e binária que a metáfora da árvore havia estratificado como o sentido teleológico na história do Ocidente”.

Esse centralização e ampla conectividade de um rizoma influenciaram de forma definitiva a estética e atuação do programa. Os temas abordados, em geral ambientais, são vistos sob as diversas perspectivas possíveis e os entrevistados não se limitam a autoridades.

Para enfatizar as possíveis conexões de um “Rizoma” conta-se também com a participação da população nas ruas da cidade. Não há linearidade de discurso. O assunto, reportado sob várias ópticas, de forma imparcial, e ainda com o auxílio de dramaturgia, possibilita que o espectador crie o seu próprio ponto de vista e estimula iniciativas comunitárias para a solução dos problemas expostos. “O rizoma são raízes em nós. É uma malha. Cada nó é um cidadão, com suas responsabilidades, obrigações, direitos e deveres, que deve interagir e intervir no processo de urbanização”, afirmou Sérgio Duque Estrada.

O “Rizoma” conta hoje com 17 alunos, remunerados, admitidos por um processo de seleção periódica, e a participação de profissionais, inclusive de fora, como um diretor de fotografia, de áudio e um responsável por computação gráfica, da Escola de Belas Artes.

O “Água” foi o pioneiro de uma série, aprovado tanto pela Reitoria da UFRJ quanto pelo Conselho de Programação da UTV. O programa tratava da distribuição e consumo de água no Rio de Janeiro. Outros temas como transporte, energia, clima, florestas, câncer de pele e lixo já foram abordados e mais 6 programas estão em fase de finalização com os seguintes temas: saneamento, saúde pública, animais, poluição visual, poluição sonora e lixo 2.

Atualmente, em função da falta de verbas, consequência da recente mudança na Reitoria da UFRJ, o



projeto está parado e já se busca apoio externo. Na UTV, cuja periodicidade do programa é quinzenal, com horários que variam conforme os dias da semana (segunda 21h 30, terça 17h 30, quarta 23h, sábado 23h 30 e domingo 14h 30), e cuja duração é de 24 minutos, estão sendo exibidas reprises. O novo reitor, Carlos Lessa, teve boa receptividade sobre o projeto e já se admite a possibilidade de ampliar a participação no canal.

Importantes reconhecimentos já foram feitos ao “Rizoma”. Com menos de um ano de existência, ficou entre os 10 melhores projetos de Extensão da UFRJ. Foi selecionado por dois importantes festivais internacionais de filmes e programas ambientais: o FICA, no Brasil, em que ficou entre os 8 selecionados para o prêmio, e o Planet in Focus Festival, em Toronto, Canadá. E mais recentemente, em 19 de agosto deste ano, foi publicada a seleção dos “Rizoma - água” e “Rizoma - Floresta” para a amostra competitiva do II Ecocine - Festival Nacional de Cinema e Vídeo Ambiental, de 11 a 15 de setembro, em São Sebastião, São Paulo.

Embora toda a dificuldade enfrentada, o projeto busca internacionalizar-se e mostrar ao mundo que não há mais problemas urbanos “locais”, tudo tem de ser visto em uma escala global. Há nesse sentido um trabalho de intercâmbio com a ONU para uso múltiplo de documentário. O professor Fernando Álvares Salis, atualmente fazendo doutorado na da New York University, vale-se disso para abrir espaços ao “Rizoma”. Possíveis co-produções entre a UFRJ, o Green Channel canadense, a City University of New York e o Collège de France já estão sendo estudadas, além do lançamento de um piloto na galeria da Dactyl Foundation e em Toronto, em setembro.

NAS ONDAS DA INTERFERÊNCIA

Após uma reestruturação, a Rádio Interferência, reinicia suas transmissões comandada por alunos

Eliana Pegorim

A Rádio Interferência voltou ao ar, depois de diversas paradas, na mesma frequência modulada de 91,5 MHz, com funcionamento das 8 às 22 horas, de segunda à sexta-feira. A Interferência é uma rádio livre que funciona na frequência utilizada antes pela Rádio Livre, primeira iniciativa do gênero na ECO, em 1989. O apoio do Centro Acadêmico dos estudantes de comunicação permitiu sua reorganização, que funciona no Diretório Central de Estudantes do campus da Praia Vermelha. Seu alcance atinge os bairros de Botafogo, Flamengo, Copacabana, uma parte de Laranjeiras e ainda um trecho da cidade de Niterói.

“A rádio foi criada em 1995, por um grupo de estudantes de comunicação da UFRJ. Teve algumas paralisações e desde o início deste período letivo fizemos várias reuniões para decidir como seria feita a reestruturação da rádio”, declarou Julieta, aluna do sexto período de radialismo, membro do Centro Acadêmico da ECO.

Segundo Julieta, nessas reuniões foi decidido que a organização da rádio seria feita através de núcleos formados pelos próprios programadores. Cada núcleo ficaria responsável por uma área, como divulgação, acervo, finanças, programação e manutenção. “Antes, a rádio tinha uma diretoria responsável por comandar tudo. Nas reuniões foi decidida a formação de núcleos, pois assim ninguém ficaria sobrecarregado e não haveria hierarquia”, explicou.

A Rádio Interferência, desde sua origem, conta com o apoio do CA tanto na parte da organização quanto na parte financeira. O dinheiro arrecadado pela última Feira do Livro, evento ocorrido na ECO com a organização do CA, foi repartido entre o Pré-Vestibular Comunitário e a Rádio Interferência. Com esse dinheiro, foi possível fazer a reforma da rádio. Nesta reforma foi consertado o transmissor, a sala foi pintada e foi colocada uma tranca no armário dos vinis. Além do dinheiro dado pelo CA, cada programador contribuiu com a quantia de R\$ 3,00 mensais.

Rony Maltz, estudante do segundo período de comunicação, programador da rádio, afirmou que antes da reforma, iniciada neste período, estavam ocorrendo roubo de vinis e o equipamento estava com muito ruído. “Além

disso”, acrescentou, “havia muitos buracos na grade de programação porque muita gente faltava. A partir da reforma, esses problemas foram resolvidos”.

Há um projeto na rádio de veicular programas feitos pelos alunos como trabalho final do curso de Rádio e TV, orientados pelos professores Andréia Guaraciaba e Geraldo Vespar. “Já reservamos um horário na grade de programação para a transmissão desses programas. Seria uma forma de mostrar para a comunidade o que está sendo produzido pela ECO. Utilizaríamos os trabalhos arquivados e os atuais”, afirmou Julieta.

Dentre as produções feitas pelos alunos dos cursos de jornalismo e radialismo, nesse período, encontram-se documentários, reportagens sobre a questão da cidadania, eleições, adaptações literárias, programas sobre música e poesia. “Já coloquei toda as produções feitas pelos alunos à disposição da rádio”, afirma a professora Andréia.

Para Julieta, os principais objetivos da rádio são dar voz a pessoas que não a teriam nos meios de comunicação de massa e veicular músicas novas, que não

conseguem espaço nas rádios comerciais. Além dessas metas, ela pretende ser um veículo onde alunos de toda a UFRJ e participantes de entidades da comunidade possam se expressar.

Muitos programadores da rádio tomaram conhecimento dela durante as oficinas que acontecem na semana de calouros. “Na semana do trote, cada aluno escolhe uma oficina para participar. Resolvi fazer a oficina de rádio junto com o Vitor e o Tiago (alunos do segundo período de comunicação). Depois da oficina, nós três, e o Guilherme (também aluno do segundo período) resolvemos fazer o Programa Rony Maltz”, conta o próprio Rony. “Começamos o programa assim que entramos na faculdade, no ano passado, e estamos fazendo-o até hoje. O programa vai ao ar todas as quartas, das 18 às 19 h”.

Podem participar da Rádio Interferência todos os alunos da UFRJ e pessoas da comunidade. Cada programa tem uma hora de duração, uma vez por semana. Os interessados devem entrar na lista de e-mail da rádio: assinar-interferencia@grupos.com.br, ou procurar Julieta: juroitman@uol.com.br.

UMA EMISSORA LIVRE, POR VONTADE PRÓPRIA E FALTA DE REGISTRO OFICIAL

“A Rádio Interferência não é universitária, pois não é institucionalizada, não é gerida pelos dirigentes da UFRJ. Não é comunitária, porque não tem vínculos restritos com a comunidade. É uma rádio livre”, afirma Tatiana, do CA.

Segundo Thiago Pellegrino, do núcleo de integração da Rádio Interferência, “a realidade da Rádio Livre não é pedir concessão, não é procurar uma legalização ‘de baixo pra cima’ e sim cobrar uma regulamentação definitiva e moderna do meio, antenada com o que já acontece há décadas em várias partes do mundo, ou seja, de ‘cima para baixo’. As rádios livres querem ir ao ar, que o conceito de rádio livre amadureça socialmente e não entrar num escritório, pegar uma senha e dar início a um penoso caminho burocrático, atrás de uma legalização individual, não se envolvendo profundamente na questão, apenas marchando na trilha previamente traçada, minada, viciosa das telecomunicações, como uns bitezinhos num circuito eletrônico”, diz.

“O direito de comunicação deve ser exercido por todos. A rádio livre é um meio de exercer esse direito”, afirma Jonicael Cedraz, diretor de comunicação e cultura da Associação Brasileira de Radiodifusão Comunitária. “O princípio da rádio comunitária é ser livre, pública, onde todos tenham direito de falar, não só de ouvir. Todos podem participar da coordenação, da produção. Visa produzir um conhecimento na sociedade, pertencer a ela, quebrar convenções estabelecidas”, acrescenta.

LEGISLAÇÃO AINDA DIFICULTA A LEGALIZAÇÃO

Segundo o Ministério das Comunicações, até julho deste ano foram liberadas 1368 concessões para rádios comunitárias. Entretanto, ainda existem 6769 processos em andamento. No Rio, existem 250 processos em tramitação, enquanto somente 29 foram autorizados. Para conseguir a concessão, os interessados devem preencher os formulários exigidos pelo Ministério das Comunicações e aguardar o andamento do processo. No entanto, muitas concessões foram dadas para rádios que não são na verdade comunitárias. Várias delas defendem interesses de políticos locais.

A lei nº 9.612, de 12 de fevereiro de 1998, instituiu o serviço de radiodifusão comunitária. Ela estabeleceu que o governo determinaria a frequência que seria usada pela rádio, assim como algumas normas, tais como: não podem ter fins lucrativos, nem vínculos de qualquer tipo (partidos políticos, instituições religiosas etc), o transmissor deve ser certificado pela Anatel e a rádio deve operar em FM.

“As rádios comunitárias possuem transmissor de baixa potência, no máximo 25W, cobrindo apenas alguns quarteirões, sendo assim, a mesma frequência pode ser utilizada por várias delas, respeitando-se uma distância mínima”, explica Hugo Melo, professor da ECO. “As rádios comerciais no Rio de Janeiro possuem transmissores de 25KW a 50KW”, acrescenta.

A legislação vigente determina que “somente as fundações e as associações comunitárias sem fins lucrativos, legalmente constituídas e registradas, com sede na comunidade em que pretendem prestar o serviço, cujos dirigentes sejam brasileiros natos ou naturalizados há mais de dez anos, maiores de 21 anos, residentes e domiciliados na comunidade, podem se candidatar a prestar serviços de rádio comunitária”.

ANTES DA INTERFERÊNCIA JÁ EXISTIRAM OUTRAS NA UFRJ

Por volta de 1989 havia uma outra rádio no ar, a Rádio Livre, que funcionava no antigo laboratório de rádio da ECO, na frequência de 91,5 FM. Funcionou durante 2 anos e meio. Um pouco antes dela surgiu uma rádio no Fundão feita também pelos alunos, que funcionava até pouco tempo atrás, mas atualmente seu transmissor está em manutenção.

A rádio do Fundão, que existe até hoje na frequência 89,9 MHz com o nome de UFRJ-FM, surgiu quando um grupo de alunos de engenharia eletrônica construiu um pequeno transmissor, que cabia numa caixa de sapatos, e testaram para ver se cobria toda a Ilha do Fundão. O resultado foi positivo e os estudantes de engenharia e, posteriormente, de outros cursos, iniciaram as transmissões ao vivo. “Desde o início sentíamos falta de um apoio ‘profissional’ que viesse de quem realmente entende de rádio. A oportunidade de pedir esta ajuda apareceu quando o nosso transmissor inicial foi substituído. Oferecemos o transmissor para o pessoal do curso de radialismo”, explica Ricardo Rhomberg, professor do departamento de engenharia eletrônica, que gostaria de contar com alunos de comunicação para ajudar na programação da UFRJ-FM.

O transmissor da engenharia foi o início de tudo na ECO. Os alunos descobriram uma frequência no dial que não estava sendo utilizada e não causava interferência nas outras rádios. Criaram então a Rádio Livre, que começou a ter grande audiência, concorrendo inclusive com a Rádio Fluminense.

“A Rádio funcionava no antigo laboratório de rádio, onde hoje é a CPM. A antena ficava no teto da capela, e o transmissor ficava na antiga sala do CA, embaixo da escada da Faculdade de Educação. Depois, a transmissão foi transferida para o laboratório de rádio”, afirma Sérgio Muniz, técnico do laboratório de rádio desde 1987.

Quando o antigo laboratório de rádio foi demolido para a construção da CPM, a rádio passou a ser produzida na sala onde hoje é o CA, depois foi para a sala embaixo da escada. Nessa época não existia o Centro Acadêmico, que ficou desativado de 1987 a 1992.

A Rádio Livre tinha três horas de programação diárias. Duas horas eram gravadas, com espaço de três minutos no final para serem usados com informações sobre agenda cultural. Em cada dia da semana havia um programa especial de uma hora. “Tínhamos um acervo de mais de 60 fitas para os programas. Dessa forma, não havia repetição de blocos. Além disso, o laboratório que existia antes da CPM tinha uma boa estrutura física, com o aquário separado da técnica”, conta Sérgio.

ESTUDANTES COMEM NO VIZINHO

Alunos burlam fiscalização para entrar na UNIRIO

Dafne Capella

Estudantes do Campus da UFRJ, na Praia Vermelha, descobriram que na hora das refeições o melhor a fazer é escapar até a vizinha UNIRIO onde, por R\$ 3,70, come-se um prato de feijão, arroz, salada, frango ou carne, com direito a refresco. Para isso só é preciso tentar, na maioria das vezes com êxito, burlar o pedido de identificação feito na entrada do local. Correr esse risco é a melhor saída enquanto comer bem na UFRJ for um problema.

Cara e de baixa qualidade, a alimentação no Campus da Universidade Federal do Rio de Janeiro na Praia Vermelha é um problema para os estudantes do local. Com pouca variedade e até falta de higiene, os alunos têm poucas opções nas horas das refeições.

- O Sujinho tem sanduíches bem gostosos, mas eu já cansei de ver baratas passando nos pacotes de balas e biscoitos - conta a caloura de Comunicação Social, Natália Soares.

O “Sujinho” a que a aluna se refere é como é conhecido o barzinho mais popular, localizado nos fundos do campus. O local realmente oferece uma diversidade razoável de lanches até ingeríveis, mas as condições de higiene são visivelmente precárias. Quem se arrisca tem também, às sextas-feiras, feijoada por R\$ 6,00, em quantidade suficiente até para dividir.

Em frente ao Sujinho há ainda quatro trailers que, além de biscoitos, chocolates e docinhos - todos acima do preço cobrado fora do campus - também vendem sanduíches. O trailer mais requisitado pertence à Dona Soraia, sugestivamente chamada pelos frequentadores

de Tia da Mão Suja, e vende, além de hambúrgueres e congêneres, o popular “boina light”, sanduíche que, a R\$ 1,70, se pretende natural com pão árabe, queijo branco, blanquet de peru, alface, tomate e os engordantes e pouco saudáveis molho rose (catchup, mostarda e maionese) e batata palha.

Nestes e nos demais trailers é comum a presença de gatos passeando por cima dos balcões ou descansando tranqüilamente nas cestinhas que também abrigam os biscoitos, bananas passa, brownies e afins. E bastam alguns minutos sentado no local para observar que, realmente, nenhuma das pessoas que ali trabalham, em qualquer momento, lavam as mãos com as quais, sem nenhum pudor, pegam os ingredientes dos lanches.

- Eu costumava comer no Sujinho, mas depois que passei uma semana com disenteria por causa de uma carne de lá eu desisti” - reclama o aluno do quarto período de Rádio e TV, Leonardo Ribeiro.

Ao lado do Banco Real e da CPM existem duas espécies de Coffe Shop. São nitidamente mais higiênicos - o que fica ao lado da CPM é, inclusive, apelidado de “Limpinho” - mas servem apenas uma ínfima variedade de salgados com preços absurdos. São pequenos, com pouco recheio e o mais barato não sai por menos de R\$ 1,30.

O campus carece de um local que sirva refeições que realmente alimentem, com o mínimo de qualidade e higiene necessários ao paladar e à saúde e com preços em conta. Há alunos que passam o dia inteiro na faculdade ou vêm direto do trabalho e comer todos os dias no Rio Sul ou Off Price, shoppings dos arredores, fica financeiramente insustentável.

NO RASTRO DO CASSETA E PLANETA

O sucesso dos jornais humorísticos feitos por alunos da ECO já existe e promete ficar

Renata Moraes

Jornais sérios perdem cada vez mais espaço para os jornais de humor na UFRJ. A vontade de criar esses jornais surge entre amigos e quase nunca está ligada a alguma matéria da faculdade. A concentração dos jornais humorísticos está nas faculdades de comunicação, onde o interesse por leitura é maior, mesmo que por leitura descomprometida. O financiamento de impressões universitárias também é um problema para os criadores de jornal. Quase todo mundo tem que bancar seu próprio projeto no começo e caçar patrocínio na medida em que o jornal ganha espaço. Mas a referência à fama nunca demora muito para surgir na conversa com jornalistas de humor.

O exemplo mais evidente é o grupo Casseta e Planeta que hoje trabalha na Rede Globo, mas começou no curso de Engenharia da UFRJ. A inspiração é variada, todos os seriados de humor são referências para técnicas e maneiras de abordar temas. “Já na questão do conteúdo, buscávamos ver muito Seinfeld, Friends, Casseta e Planeta, Monthly Python entre outros, sempre vendo como e quais técnicas aplicadas ao humor eram utilizadas”,

explicam, em e-mail coletivo, os nove criadores do Timelei, jornal criado na ECO há alguns anos e já bastante conhecido, inclusive fora do meio universitário.

As dicas dos professores são pouco procuradas. A experiência vem através da prática, acertando ou consertando o errado. O conhecimento em sala conta bastante, mas na hora de criar o jornal é sentar e escrever, sem ficar preocupado em pedir ajuda de alguém

CONHEÇA O É OS CAVALO

“Somos uma comunidade de 10 pessoas que divide uma cocheira no jockey: Eduardo Galvão, Cláudio Lemos, Diogo Novaes, Eduardo Stefani, Fernando Campos, Leonardo Mancini, Leonardo Ribeiro, Rodrigo Rosas, Rodrigo Röttsch e finalmente Sarah Ssioli (*Oh my god!!! We have a woman!!!*) que é a nossa Maria Paula. Somos todos do 4º período na iminência de ir para o 5º e assim por diante. O jornal surgiu por conversas na faculdade, somos todos da mesma sala.” (Eduardo Galvão)

Para saber mais escreva para ehoscavalo@hotmail.com

mais experiente. O texto geralmente não é visto por outros antes de ser publicado e é rara a busca por apoio profissional.

“Jornais humorísticos despertam um interesse espontâneo do aluno”, garantem os criadores do É os Cavalos, que surgiu há alguns meses entre estudantes do quarto período e já tem bons resultados. “Ninguém lê jornal ‘sério’ na faculdade, todos que existiam acabaram. Você não vê mais nenhum jornal ‘sério’ aqui na ECO”,

CONHEÇA O TIMELEI

“Somos 9 crentes no ‘sexo à primeira vista’. Somos todos do 6º Período e se chamam: Marcelo Tavares (Holanda), Cláudio Formiga (Formigão), Bruno Campos, Nilo César Maia, Felipe Soares, Marcus Roriz, Erik Nako, Bruno Pinotti e Rodrigo Amorin (Dudu Nobre). Começamos depois de vários bate-papos pelo ICQ, onde buscávamos uma forma de sair do ‘marasmo’ que estava a faculdade naqueles períodos iniciais. Então viemos com a idéia de fazer um jornalzinho de humor, que seria produzido por nós e distribuído pela ECO. Daí a coisa foi evoluindo até hoje.” (Equipe Timelei)

Saiba mais acessando o site www.timelei.com

afirma Eduardo Galvão. A equipe Timelei concorda: “Acontece que para se produzir um jornal ‘sério’ temos dois problemas. Primeiro, a grande quantidade desses jornais que circulam no meio universitário. E, sejamos honestos, poucos são os que os lêem. O segundo problema é para fora do ambiente universitário. Afinal, quem iria ler o que ‘9 garotos da ECO’ têm a dizer? Por isso o humor é uma ótima saída. Todo mundo gosta de uma boa piada; e não precisa ser contada pelo Jô Soares”.

O financiamento dos projetos torna seu começo mais difícil, mas muitas vezes isso não é barreira para começar. “Ah, não... imagina! Ganhamos até salário!”, brincam os integrantes do jornal do quarto período. Já o Timelei tem, atualmente, patrocínio que sustenta o jornal: “Sempre caçamos e, no início, viajávamos muito! Achávamos que era só ir até a porta da Coca-Cola, pedir 60 mil reais e pronto, temos patrocínio! Depois vimos que a coisa era um pouco mais complicada. Hoje as coisas estão começando a andar e já temos anunciantes fiéis”. Mas no início tiveram que tirar o dinheiro do bolso mesmo: “Tínhamos outra opção? No início tem que ser assim mesmo, apostar em você mesmo e seguir em frente. É muito complicado encontrar alguém para bancar um jornal que nem existia na época.”

PUBLICAÇÕES CIENTÍFICAS AMEAÇADAS

Crise financeira afeta divulgação da SBPC, produzida em casa ao lado do Sujinho

Miguel Caballero

Embora situada em um local de grande circulação de pessoas na UFRJ, a sede carioca da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência é desconhecida pela maioria dos alunos e outros transeuntes. Mas é a fachada deteriorada pelo tempo da casa 27 do campus da Praia Vermelha, ao lado do Sujinho, que abriga os “laboratórios” onde são produzidos os mais importantes veículos de divulgação da produção científica no Brasil: o Jornal da Ciência e a revista Ciência Hoje. Esse trabalho, porém, está ameaçado pela crise financeira.

A SBPC existe há 54 anos, quando foi criada em São Paulo, e hoje tem secretarias regionais em quase todos os estados do país. A secretaria do Rio é responsável pela publicação do quinzenal Jornal da Ciência, que desde o final da década de 70 atualiza seus leitores através

de uma versão impressa e outra eletrônica, esta com 15.400 assinantes. Editado pelo jornalista José Monserrat e apenas mais três funcionários, o JC tenta sobreviver à crise financeira para poder continuar expondo à sociedade as conquistas e avanços da SBPC. “A SBPC é uma instituição civil sem fins lucrativos. A pouca verba que recebemos não tem sido suficiente. Em 12 de Junho de 2002, promovemos o lançamento, através da internet, de um mutirão para garantir a continuidade do jornal”, conta Monserrat, envolvido no projeto há mais de dez anos. A tarefa do mutirão promete ser árdua: precisa-se de R\$ 170.000 para custear o Jornal até o fim do ano. Em dois meses e meio, até o final de agosto, conseguiu-se apenas R\$ 25.000.

Apesar de funcionar na mesma casa, a revista Ciência Hoje tem hoje autonomia administrativa em relação à

SBPC. Com uma tiragem de aproximadamente 14.000 exemplares e venda em banca com preço de capa de 8 reais, está sofrendo menos com a falta de dinheiro. A crise, porém, tem outros aspectos. “Além de já termos uma certa autonomia, está em processo uma cisão jurídica, que pode desvincular definitivamente a CH da SBPC. Por isso, optamos por não falar nada sobre a atual situação financeira da revista”, contou o editor da Ciência Hoje on-line, Bernardo Esteves.

Fundada em 7 de julho de 1982, em Campinas, durante a trigésima-quarta reunião da Sociedade, a CH demonstra ser, hoje, o filho mais pródigo da SBPC: como desmembramentos da revista, foram criadas a Ciência Hoje das Crianças, a Ciência Hoje na Escola (conjunto de livros para-didáticos) e a Ciência Hoje On-line, sítio da internet atualizado diariamente. Nesses vinte anos de vida, a revista vem

cumprindo o compromisso de divulgar e discutir as principais novidades científicas, conforme compromisso assumido no editorial do primeiro número da revista: “Pretendemos promover um debate político em torno de questões como cidadania, educação e participação universitária. Queremos ainda substituir a linguagem hermética dos artigos científicos por textos de maior simplicidade e clareza, sem perda de conteúdo”. Para isso, a CH conta com uma equipe de jornalistas que recebe suporte técnico de professores universitários e cientistas. Como não poderia deixar de ser, em cada número da revista encontram-se diversas curiosidades de vários ramos da pesquisa, como o estudo do alemão Eugen Rosenstock-Huussy, que descobriu, após estudar mais de 50 idiomas, que o imperativo é o modo verbal mais antigo usado pelo homem.

JORNALISTAS POR ACASO, MÚSICOS POR OPÇÃO

Bandas jovens cariocas são formadas por ex-estudantes da Escola de Comunicação da UFRJ

Mila Chaseliov

Quando um estudante ingressa na Escola de Comunicação da UFRJ presume-se que ele sairá formado em uma das quatro habilitações e exercerá a profissão que aprendeu. Certo? Nem sempre. O novo cenário musical carioca apresenta um quadro curioso: muitos dos novos talentos são jornalistas, produtores editoriais e publicitários formados pela ECO.

A lista é extensa: os surfistas Netunos, Casino, com a sua MPB indie, o jazz do Ordinário Groove Trio e o super purpurinado glam rock do Glamourama. Todos passaram pelo laguinho e pelo professor Saboga e atualmente estão voltados para a música.

“Não é que eu tenha escolhido a música como prioridade, simplesmente o jornalismo não me escolheu”, Brinca Márvio dos Anjos, jornalista e vocalista do Glamourama, em turnê com o show Grand Boutique. Com o mercado ruim a possibilidade de ganhar a vida fazendo o que gosta se torna mais atraente.

Já Cecília Giannetti, a bela voz do Casino que tocou na última Loud!, continua trabalhando como jorna-

lista. “É simples, para se manter de música neste país você precisa estar na televisão, caso contrário é preciso arrumar alguma opção”, explica.

Muita gente vai fazer comunicação por não saber direito o que quer. Gosta de arte, de escrever, mas acredita que precisa de uma faculdade um pouco mais séria.

“As faculdades em geral são específicas. Se um cara faz física, sai da faculdade um físico, mas em comunicação não sairemos necessariamente comunicólogos. Optei por essa escola por que aqui posso aprender a fazer uma iluminação de show, uma filipeta de divulgação, coisas que não têm na faculdade de música, muito mais restrita”, complementa Bernardo Palmeira, do Ordinário Groove Trio e estu-

PARA CONFERIR, OUVIR E VER

www.glamourama.hpg.com.br - MP3, agenda, release
www.netunos.com.br - MP3, agenda, release, blog
[ca\(s\)ino.blogspot.com](http://ca(s)ino.blogspot.com) - MP3, blog, agenda
Ordinário Groove Trio - quinzenalmente, aos domingos, no Moog Bar: Rua Visconde de Caravelas, 178
Tel: 2266.1014

dante de Rádio e TV da ECO. O grupo está em temporada quinzenal aos domingos no Moog, em Botafogo, e prepara a gravação de um cd ao vivo.

A convivência na faculdade é louvada pela possibilidade de contato pessoal e pelo aprendizado. Carlão, vocalista dos Netunos e jornalista, conta que conheceu Cid Boechat, baterista dos Netunos e do Glamourama, no laguinho. “Eu sempre tocava violão nos intervalos e o Cid vinha e ficava batucando naquelas mesas de plástico, que na época eram brancas...”

Mas a queixa em relação à falta de apoio da Universidade também é grande. “Com tanta produção da Universidade, não só da Escola, é uma pena a falta de incentivo. O terreno do Canecão, por exemplo, é da UFRJ. Não seria possível conseguir um fim de semana para um festival universitário?”, questiona Carlão. “Mesmo os saraus têm uma infra-estrutura precária. Sei que existem problemas mais urgentes a serem resolvidos, mas com tanta produção não se pode deixar a cultura de lado”.

Márvio faz coro: “Tocar no Sarau é maravilhosos pelo fato de eu me sentir em casa, mas a estrutura poderia ser bem melhor, poderiam existir mais eventos”.

TELEJORNALISMO ON-LINE DÁ PRÁTICA E TEORIA

Velocidade da internet atrai estudantes que nem definiram ainda a opção pelo jornalismo

Tatiana Maynarde

A cobertura do Fórum Social Mundial, com boletins diários enviados por telefone de Porto Alegre, e a transmissão ao vivo da posse do reitor Carlos Lessa, são dois exemplos da agilidade de matérias divulgadas pelo TJ.UFRJ, uma experiência de telejornalismo on-line que está permitindo aos estudantes da ECO a oportunidade de somar as formações teórica e prática, fundamentais para o seu desenvolvimento acadêmico.

“Exportar a universidade e importar o mundo exterior sob a lógica acadêmica”, segundo o editor-chefe do TJ.UFRJ, Thiago Tibúrcio, do 3º período, seriam os principais objetivos do site que, por não se tratar de um projeto comercial, tem autonomia para as mais diversas experimentações.

O TJ.UFRJ surgiu como resultado de um projeto anterior desenvolvido pelo Laboratório de Telejornalismo: o TJ ECO. Os alunos desta disciplina - consequência da recente reforma curricular da ECO - foram incentivados pela proposta do professor Luis Carlos Bittencourt, uniram-se e conseguiram, em setembro de 2001, formar o site na UFRJ. Com a solidificação e o aprimoramento do projeto de telejornalismo on-line, os estudantes que compõem o site decidiram que o então TJ ECO cederia lugar ao atual TJ.UFRJ. Tal mudança de nome teve como objetivo não

só desvincular o TJ.UFRJ do padrão de qualidade anterior, como também ampliar os horizontes do site, não o restringindo à Escola de Comunicação da Universidade.

Este formato de telejornalismo via internet não teve, porém, a sua primeira experiência na UFRJ. Em fevereiro de 2000, o atual diretor da cadeira de telejornalismo da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e ex-professor da Escola de Comunicação da UFRJ, Antônio Cláudio Brasil, mobilizou esforços e conseguiu viabilizar a criação do TJ UERJ. Esta primeira versão de telejornalismo on-line rendeu bons resultados e o projeto segue em pleno funcionamento na UERJ.

Tanto o TJ.UFRJ como o TJ UERJ, assim como os futuros telejornais on-line que vierem a ser formados, já que a faculdade federal de Olinda, segundo Bittencourt, também apresentou interesse pelo projeto, funcionam de maneira totalmente independente. Isto faz com que cada um deles enfrente lógicas distintas de funcionamento: escassez ou não de recursos, além de menor ou maior apoio institucional.

As seções do TJ.UFRJ, atualmente sob a orientação da professora Ivana Bentes, são divididas em cultura, humor, rádio, interatividade, política, economia, internacional, ciências, além de pesquisa de linguagem, e têm suas pautas atualizadas semanalmente a partir da reunião do corpo editorial, integrado por 15 alunos. O projeto abriga estudantes de todas as habilitações, além

de dar oportunidade de participação para colaboradores de qualquer período, existindo inclusive participantes que acabaram de ingressar na escola.

Na segunda semana de agosto, o TJ.UFRJ, que pode ser acessado em www.telejornalismo.com.br/tjufrj, colocava à disposição dos internautas, com transmissão ao vivo, o “Interseção”. Ocorrido pela primeira vez em novembro de 2000, o evento de propaganda e marketing, organizado por estudantes com o intuito de levar o mercado de trabalho para dentro da universidade, pôde ter suas palestras acompanhadas, através do acesso ao site, em tempo real, tais como a da gerente de propaganda da Coca-Cola, Ingrid Buckmann.

Em função dos problemas de recursos enfrentados pelo TJ.UFRJ, o site agora conta com uma equipe de marketing, dirigida pelo aluno Rafael Barros, para que o projeto consiga mais apoio e supere problemas como a compra de fitas de vídeo com o dinheiro dos próprios colaboradores, em vez de serem fornecidas pela universidade, e a ausência de câmera exclusiva do projeto, que limita as gravações aos horários em que o equipamento está disponível para empréstimo na Central de Produção e Multimídia.

Mesmo enfrentando tais dificuldades, o TJ.UFRJ continua inovando. É possível acompanhar as reuniões de pauta, que são transmitidas ao vivo, todas as sextas-feiras, às 10:30 h.

CULTURA PARA TODOS OS GOSTOS

A intensa programação cultural do campus da Praia Vermelha oferece diversas opções

Fernanda Magalhães

O campus da UFRJ localizado na Praia Vermelha está se tornando um verdadeiro ponto de referência cultural para a universidade. As opções vão desde recitais de poesia, apresentações musicais e palestras, até chopadas e festas à fantasia. As iniciativas partem de diferentes fontes como o Fórum de Ciência e Cultura, a subprefeitura da faculdade e os próprios alunos, o que está tornando as programações cada vez mais diversificadas. O público alvo são os estudantes das unidades do campus: Economia, Comunicação Social, Psicologia, Administração, Pedagogia e Serviço Social. Em muitos eventos, principalmente os do Fórum, qualquer pessoa pode participar.

O Fórum de Ciência e Cultura possui uma extensa agenda cultural e é destinado tanto para a comunidade universitária quanto para a sociedade. Existem projetos como o Música no Fórum, que promove recitais de piano solo, de conjuntos instrumentais variados (duos, trios, quartetos), orquestras de câmara, grupos corais, conjuntos de música popular e apresentações mistas variadas. O projeto é administrado pelo professor Marcelo Verzoni e acontece toda quinta-feira, às 19 horas, no Salão Dourado.

Outra opção é o Fórum Poesia, projeto que realiza audições de recitais daqueles que compõem o universo da

poesia na Cidade do Rio de Janeiro. Ivo Barroso, Ivan Junqueira, Geraldo Carneiro, Evandro Mesquita, Chacal, Elisa Lucinda, Ferreira Gullar, além de grupos como o Adversos e o Ver o Verso, já participaram do projeto ao lado de alunos e ex-alunos da UFRJ. Nessas récitas forma-se uma mesa de poetas ou de tradutores; em outras, músicos, atores e artistas performáticos sobem ao palco para cantar ou recitar. O Fórum Poesia acontece toda quarta-feira, a partir das 19 horas, sob a responsabilidade do professor Henrique Cairus.

Cursos de extensão universitária também são oferecidos pelo Fórum de Ciência e Cultura. Os temas são os mais variados, assim como os horários, o que permite que os interessados possam freqüentar mais de um curso. Para se ter uma idéia, aqui estão alguns dos cursos ocorridos em maio, junho e julho deste ano: “Ciclos de leituras, grandes romances franceses”, “A mulher fazendo arte, a produção artística de autoria feminina no Brasil” e “Psicanálise e Religião, a hipótese Deus hoje”. Os cursos têm de 8 a 10 aulas e também são coordenados por Henrique Cairus.

Além de todas essas opções, o aluno do Campus da Praia Vermelha ainda pode participar do Seminário Permanente Fórum Brasil, que consiste em ciclos mensais de mesas redondas, palestras e conferências. Os assuntos abordados são os mais diversificados, passando por ci-

nema, história do carnaval e lingüística entre outros, sempre apresentados pelos professores da universidade. Quem quiser conferir, o projeto ocorre no início da noite, às terças-feiras, no salão Moniz de Aragão. A responsável é a professora Maria Aparecida Rezende Mota.

O Fórum de Ciência e Cultura se localiza no Palácio Universitário. Mas há uma entrada pelo prédio da Comunicação e Pedagogia. É só seguir o corredor que dá para a editora UFRJ e subir a escada que tem ao lado. Para mais informações sobre os últimos eventos há o site www.forum.ufrj.br e os folhetos de divulgação que estão espalhados pela faculdade.

A Escola de Comunicação também promove alguns projetos culturais. Uns são organizados pelos professores, como a série de debates orquestrados pela coordenadora de jornalismo, professora Beatriz Becker, e outros pelos próprios alunos, como o Videvídeo, o festival nacional de cinema e vídeo universitário da UFRJ. Até o momento da feitura dessa matéria, tinham sido realizados dois debates. O primeiro foi sobre o provão e o segundo sobre o caso Tim Lopes, que contou com a presença do jornalista William Bonner e superlotou o auditório da Central de Produção Multimídia(CPM).

Já o Videvídeo, festival que conta com o apoio de grandes empresas como a Petrobrás, consiste na apresentação de pequenos filmes feitos pelos próprios alunos. As inscrições enceraram-se no dia 30 de agosto e as exhibições serão no auditório da CPM e em outro local a ser confirmado. Para balançar o esqueleto, os alunos dos diversos cursos organizam festas, algumas à fantasia, com direito a muita cerveja, sem falar nas chopadas dos calouros. A mais recente realização é a festa julhina (em agosto), idéia dos centros acadêmicos do campus da Praia Vermelha para promover diversão para os alunos, arrecadando dinheiro para os muitos projetos estudantis.

Uma exposição no corredor de acesso da ECO, com trabalhos dos alunos do segundo semestre de 2001, da disciplina Laboratório de Planejamento Gráfico, foi uma das mais recentes exposições da galeria Vitrine da ECO. Outro projeto organizado por alunos e professores da ECO é o Interseção. São ciclos de palestras, com temas de propaganda e marketing, sendo que o último foi realizado durante uma semana no último mês de agosto. Este é o terceiro ano do projeto, cujas palestras aconteceram na Casa da Ciência e no CFCH.

Esporadicamente ocorrem feirinhas de artesanato, trazidas pela sub-prefeitura e montadas no amplo espaço ao lado da piscina, entre os prédios da Economia e da Comunicação Social/Pedagogia. Nelas encontram-se à venda vários tipos de roupas, bijuterias, bolsas e comidas bem variadas por um preço acessível, no estilo das feiras de Teresópolis e Itaipava, só que em menor proporção, às vezes incorporando também a venda de livros.

O HOSPÍCIO QUE VIROU FACULDADE

Que o prédio onde hoje funciona a ECO e o Fórum de Ciência e Cultura já foi um hospício, isso todo mundo sabe. Essa curiosidade é contada por muitos estudantes e professores da Escola de Comunicação e é sempre motivo de piadas. Mas a verdade é que poucos relatam a história em detalhes. Fora que o Palácio Universitário, tombado pelo Patrimônio Nacional, é uma verdadeira aula de história e arquitetura.

A história da cidade do Rio de Janeiro começou na Praia Vermelha, em 1º de março de 1565. Foi ali, entre a encosta do Pão de Açúcar e do morro Cara de Cão que desembarcou a expedição comandada por Estácio de Sá. Sua finalidade era criar uma fortaleza de onde pudesse combater os franceses à altura. Isso porque os franceses, notando o desinteresse dos portugueses pela nova terra, passaram a freqüentar o nosso território e a explorar as nossas riquezas antes mesmo dos descobridores. Mas com a fundação da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, ali na Praia Vermelha, Estácio de Sá combateu os franceses e os expulsou de vez do Brasil.

A Urca se modificou bastante com a transferência do centro habitacional para o Morro do Castelo. Ali ficaram apenas os que cuidavam da defesa militar. Tal estado de coisas só começou a se alterar no século XIX, com a construção de prédios civis, entre os quais o Hospício D. Pedro II. Instalado em 1802, o hospital psiquiátrico funcionou até 1890 com esse nome. A partir desse ano ele se transformou em Hospício Nacional dos Alienados, de acordo com um decreto da época.

Em 1912 o bairro ganhou um dos mais conhecidos pontos turísticos do Rio de Janeiro, o caminho aéreo do Pão de Açúcar, que liga a Praia Vermelha até o Morro da Urca. Alguns anos mais tarde, em 1944, o hospício foi transferido para Jacarepaguá. Dali em diante, o Palácio foi abandonado e transformado em ruínas. Chegou-se até em pensar em demolição. Porém, 5 anos mais tarde, em 1949, a reitoria da UFRJ, originariamente Universidade do Brasil, sob a direção de Pedro Calmon, instalou-se no prédio. Daí iniciaram-se as obras de restauração do Palácio, com a preocupação constante de preservar seu estilo arquitetônico, o neoclássico. Além disso, Calmon acrescentou um valioso mobiliário de época, peças decorativas e obras de arte que passaram a integrar o patrimônio do Palácio. A reforma do prédio só terminou em 1953.

Conhecendo um pouco da história desse edifício, entende-se o porquê da importância do Fórum de Ciência e Cultura e o porquê da sua localização nesse espaço. Com a transferência da sede da reitoria para a Ilha da Cidade Universitária, o Palácio continuou a abrigar provisoriamente algumas unidades, como Comunicação Social e Pedagogia, e teve a sua parte nobre destinada ao Fórum. Essa parte é composta de belíssimos salões: o Salão Dourado, o Salão Vermelho, o Salão Moniz de Aragão e o Salão Pedro Calmon, além de uma capela, a Capela de São Pedro de Alcântara.

O Fórum é um órgão singular na UFRJ, pois é presidido pelo reitor e está sob a direção geral de um coordenador com status de pro-reitor.

ALUNOS DA ECO NOS BASTIDORES DO JN

Durante o debate, foi muito discutida a falta de estudantes da ECO nos bastidores do JN. Os estúdios do telejornal são abertos toda segunda-feira para estudantes de Comunicação Social e a presença da UFRJ, segundo William Bonner, era decepcionante. A professora Beatriz Becker explicou que a ida de estudantes da faculdade foi dificultada devido a um incidente passado.

Na época, a iniciativa da Rede Globo de um convênio foi rejeitada pela Direção da ECO. Bonner afirmou, durante o debate, que os procedimentos são simples e que passaria um contato pessoal dentro da emissora especialmente para tratar com a coordenadora sobre o assunto.

Logo após o debate Beatriz Becker recebeu um telefonema do editor regional César Seabra confirmando o contato com Lacy Barca, coordenadora do Projeto Globo Universidade. Depois dos entendimentos com a professora Beatriz as visitas foram abertas não apenas para os alunos de Jornalismo, mas também de outras habilitações, desde que em grupos de seis, acompanhados por um professor e em datas previamente agendadas.

Para a visita, o professor responsável precisa preencher um ficha com poucos dados, como o objetivo da visita, a contribuição da mesma para a disciplina e o número total de alunos da turma regular. O e-mail para os professores entrarem em contato é lacy.barca@tvglobocom.br.

A POLÊMICA DO ÁLCOOL PROIBIDO

Apesar da proibição, alunos bebem no campus da Praia Vermelha

Rony Maltz

Apesar de proibida desde a portaria baixada pelo antigo reitor da UFRJ, José Henrique Vilhena de Paiva, o consumo de bebidas alcoólicas continua regular no campus da Praia Vermelha. Desde a posse do novo reitor, Carlos Lessa, todos os diretores dos cursos do campus têm copiado a sua política e feito vista grossa ao consumo do álcool, segundo informa a integrante do CA de Comunicação Social Bruna Nunes. A polêmica quanto à legalização definitiva da circulação de bebidas alcoólicas na faculdade, no entanto, persiste com a inflexibilidade do diretor da Escola de Comunicação, única na qual a cerveja está rigorosamente banida.

O campus tem um histórico de venda de cerveja em seus estabelecimentos comerciais. Conforme afirmou Bruna Nunes, o novo reitor teria dito aos dirigentes estudantis que não revogaria a portaria proibindo a venda do álcool baixada pelo antigo reitor, pois tal ação seria muito complicada e envolveria uma burocracia impraticável. “O atual reitor deixou a entender que faria ‘vista grossa’ à circulação da bebida no campus”, explicitou Bruna.

A aluna do sexto período confirmou ainda que, sob o novo comando, todos os diretores de cursos alojados na Urca passaram também a adotar política semelhante à de Lessa e várias festas e mesmo chopadas já foram sediadas na Universidade contando com a presença regular de bebidas alcoólicas. A informação é ratificada pela recente realização de uma “festa caipira” em pleno campus da Praia Vermelha. O evento se realizou no espaço exatamente em frente aos prédios onde

funcionam os cursos de Administração e Psicologia e foi regado a cerveja e vinho. Três semanas antes outra festança envolvendo álcool já ocorrera em frente ao anexo do Serviço Social, daquela vez uma chopada do curso de Administração, como relata o estudante de Comunicação Victor Paschoal: “Eu lembro de ter passado por lá por volta das seis da tarde e a chopada já estava rolando normalmente. Tinha um pequeno aglomerado de estudantes de todos os cursos. Ainda tomei uma cerveja e depois fui embora”.

A exceção fica por conta da Escola de Comunicação Social, dirigida pelo professor José Argolo. O diretor mantém que enquanto for proibida por lei, a presença de qualquer espécie de bebida alcoólica está irredutivelmente vetada nos domínios da ECO, independentemente da ocasião. Argolo disse que está apenas obedecendo ao regulamento interno vigente, embora tenha admitido ser pessoalmente a favor da portaria. “Sou contra a venda de bebidas alcoólicas dentro de qualquer espaço público”, explicou o diretor.

Essa rigidez acarreta discussões entre os alunos da faculdade, maciçamente favoráveis à permissividade quanto ao consumo do álcool. A aluna do terceiro período de jornalismo Taís Portilho defendeu a ingestão de bebida em ocasiões especiais: “A cerveja podia ser liberada pelo menos para os eventos de iniciativa dos estudantes da ECO, como saraus e pequenas festas. Até nossas chopadas tem sido realizadas nos anexos de outros cursos, o que é uma grande hipocrisia!”

De acordo com os que abominam a portaria baixada por Vilhena, é uma incoerência privar os bares de dentro do

campus de vender bebidas alcoólicas enquanto outros estabelecimentos o fazem a menos de cinquenta metros de distância, logo após os muros que delimitam a área da Universidade. A proibição, portanto, não impediria - e não impede - o consumo da bebida por parte dos estudantes.

“O que vai acontecer é que a ECO vai aos poucos perdendo todos os seus projetos e programas tradicionais, como a sexta no laguinho”, prevê Tiago Carvalho estudante do segundo período do curso de Comunicação Social, em tom de revolta. A sexta do laguinho ocorria toda sexta-feira após o término das aulas, sempre com música e exibições de filmes e slides, tudo bancado pela venda de aperitivos e bebidas. O encontro semanal, que servia também para socializar e integrar os estudantes, sofreu significativa baixa de público e acabou extinto pouco tempo depois.

Bruna Nunes, do CA, alerta, entretanto, que não se deve deixar de observar o outro lado da história: “Muitos argumentos dos que são contra a venda de bebida alcoólica em faculdades são válidos e merecem atenção”. A professora de Teoria da Comunicação Liv Sovik, por exemplo, é uma das que compreendem a proibição. Ela diz entender que os campi das universidades podem ser considerados ambientes puramente voltados aos estudos e até concorda que a venda de cerveja provocaria um maior índice de falta às aulas. A professora, contudo, diz ser flexível a respeito do assunto. E faz uma ressalva: “Não acho que a portaria deva ser derrubada, mas creio que a venda discreta de bebida não causa maiores males. Acho que está bom como está agora”.

UMA CHANCE DE EXTENSÃO DE CONHECIMENTO

Alunos da ECO participam de projeto com comunidade carente de Búzios

Victor Paschoal

Para aqueles que estão interessados em aprender na prática, às vezes surgem oportunidades interessantes de estágio nas diferentes áreas da comunicação, mesmo para alunos de períodos baixos. Esse foi o caso do projeto da Dra. Carmen Tasch, da Psicologia, junto à comunidade do bairro Rasa, de Búzios, que ocupou seis estudantes da ECO na realização de um vídeo antropológico e de oficinas de audiovisuais com crianças de uma escola local, além da divulgação e organização de um seminário de três dias.

O projeto da psicóloga, intitulado “Resgate do Folclore com Recurso à Promoção de Bem-estar Sócio-interacional”, está amparado financeiramente pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro - FAPERJ, que tem um programa de bolsas de fixação de pesquisadores e ainda liberou uma verba extra para o seminário de comunicação visual e antropologia cultural, que debateu o tema a partir do vídeo. Segundo Carmen, os objetivos do projeto são “a valorização da auto-estima, a constituição de uma identidade coletiva e a integração da comunidade da Rasa, rica em história e cultura, mas que corre o risco de relegar este passado rico ao esquecimento”.

NO COMEÇO, ERA APENAS UM

As filmagens do vídeo antropológico começaram no carnaval deste ano, com apenas um aluno, André Miranda, do oitavo período, estagiando no projeto. Mais adiante, porém, foi necessário recrutar outros, como conta André: “Eu fui duas vezes a Búzios, mas depois ficou impossível. Eu estava envolvido com outros projetos e não tinha mais tempo para ir a Búzios nos fins-de-semana. Então, busquei formar uma equipe na ECO”.

Dra. Carmen optou por efetivar os cinco alunos que atenderam aos e-mails de André oferecendo o estágio. Estes não prometiam remuneração, apenas as despesas pagas. Os novos estagiários eram Leonardo

Ribeiro, Luiza Ramalho, Thais Portilho e Victor Dorneles, do terceiro período, e Victor Paschoal, do segundo.

A estagiária Thais Portilho comentou, alfinetando com humor, o tamanho da equipe: “No começo, eu achei que era gente demais, que iam ficar todos batendo cabeça. Mas agora eu percebo que o trabalho era simples, porém demais para menos do que cinco estagiários pouco experientes e não-remunerados”. De fato, mesmo com tantos estudantes envolvidos, eventualmente alguns tiveram de desmarcar compromissos para poder viajar.

Além desse problema, alguns estagiários se queixaram do fato de não saberem praticamente nada do conteúdo e objetivos do projeto da doutora. “A Carmen deveria ter explicado essas coisas direito, para que nós pudéssemos fazer o vídeo mais próximo do que ela tinha pensado. Mas agora, terminou tudo bem e com a aprovação dela, então não faz mal”, comentou André Miranda.

CÂMERAS ANIMAVAM POPULAÇÃO

Com os percalços superados e a etapa de pesquisa concluída, os estagiários destacaram três pontos positivos do trabalho de campo em Búzios: a oportunidade de trabalho audiovisual, o contato histórico e o contato humano. O estagiário Victor Dorneles escreveu em seu relatório: “Foi muito interessante estar na fazenda Campos Novos aprendendo sobre o dia-a-dia de lá nos tempos da escravidão. Além disso, foi incrível observar as pessoas falarem diante da câmera. Os habitantes da Rasa ganhavam novo ânimo para suas causas abandonadas ao verem o interesse de gente de fora.”

O vídeo pronto mostra imagens de regiões de importância histórica e ecológica da Rasa, acompanhados de depoimentos de líderes e habitantes com maior conhecimento da história local; as causas de grupos como o de artesãos, pescadores e agricultores, que se encontram em dificuldades devido à falta de apoio do governo; aspectos culturais, como o bloco de

carnaval, e as crianças da Escola do Mudinho nas oficinas audiovisuais com os estagiários.

SEMINÁRIO, A ETAPA SEGUINTE

A segunda parte do trabalho foi bastante diferente, sendo considerada, pelos estudantes, a parte chata. O trabalho consistia em entregar o vídeo até o dia primeiro de agosto, data do começo do seminário, além de cuidar de burocracia e do material gráfico para a divulgação.

O Seminário Internacional de Búzios contou com a participação de professores importantes, como Massimo Canevacci, da Universidade de Roma, e Armindo Bião, da UFB, que também veio “importado” para o seminário. Os debates foram realizados em três etapas, com um aprofundamento teórico gradual. O primeiro dia foi na escola pública primária da Rasa, o segundo no centro de convenções da mesma cidade e o último no auditório do CBPF, no Rio de Janeiro.

Na opinião de Leonardo Ribeiro, “muita coisa deu errado, como a falta de luz na Universidade no último dia da palestra”. Ele ainda acrescentou que, apesar disso, neste mesmo dia “tivemos o melhor debate do seminário”. “Pena que eu estava cansado demais para participar. Agora que terminou, estou aliviado”, completou. Luiza Ramalho concordou com Leonardo e completou: “Em nome dos estagiários, eu posso dizer que, mesmo com alguns contras, a experiência foi positiva para todos, especialmente para aqueles que trabalharam pela primeira vez”.

PROJETO DE CONTINUIDADE

Atualmente, a Dra. Carmen está trabalhando em um segundo impulso no projeto, com a continuidade da equipe de estagiários ainda indefinida. Eles planejam melhorias no vídeo, tendo em vista fazê-lo funcionar sem a necessidade de explicações ou de um debate. Também estão em estudo novas atividades com a comunidade. Segundo Walter, “agora que nós levantamos a moral deles e os fizemos acreditar que as coisas podem mudar, não é hora de sumir. Devemos buscar uma relação ainda mais estreita com o povo da Rasa”.